

Receio e incertezas balizam cenários do setor metalmecânico

Lideranças dos principais polos gaúchos projetam desempenho do próximo ano abaixo ou, no máximo, estável em relação a 2025

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

Os sentimentos de receio e incertezas são senso comum para definir as perspectivas para o próximo ano das lideranças representativas dos sindicatos empresariais dos principais polos da atividade metalmecânica do Rio Grande do Sul. Ainda que com algumas exceções pontuais de resultado positivo, a projeção é de um ano com atividade produtiva inferior ou, no máximo, similar à esperada para 2025.

De acordo com Ubiratã Rezler, presidente do Simecs (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região), entidade que representa em torno de 4,5 mil empresas em 17 municípios da

Serra Gaúcha, 2025 já será abaixo do ano passado, marcado pelas enchentes no Estado, mas de pouca influência no resultado das empresas locais. "Grandes empresas precisaram adotar flexibilização de jornada e férias coletivas neste ano, o que não ocorreu em 2024. A agenda econômica atual não beneficia a indústria", definiu Rezler, ao destacar que este quadro se estende de forma crítica à cadeia de fornecedores, formada em sua maioria por micro e pequenos empresários.

O presidente do Simecs entende que políticas populistas, aumento de auxílio assistencial e falta de controle de gastos públicos têm agravado o cenário econômico, levando a quedas sequenciais de produção e faturamento, por consequência, na geração de empregos. "O setor fechará o ano com uma redução de 400 a 500 vagas no quadro de colaboradores. Situação que deve ter continuidade em 2026", alerta.

Rezler elenca como principais desafios para 2026 a instabilidade

Cautela e preocupação na Região Metropolitana

O presidente do Simecan (Sindicato das Indústrias Metal-mecânicas e Eletroeletrônicas de Canoas e Nova Santa Rita), Roberto Machemer, define o cenário de 2026 como preocupante, com pouco espaço para investimento em razão do mercado desaquecido, juros elevados, capital de giro baixo, fim da jornada de trabalho 6x1 e falta de apoio do governo a um dos principais clientes da atividade, o agronegócio. A projeção do dirigente é que 2026 repita este ano, que deve consolidar números melhores do que em 2024, quando as empresas da região foram fortemente prejudicadas pelas enchentes.

Machemer frisa que, mesmo com eleições em 2026, as empresas se mostram céticas, principalmente pela demanda em baixa e pelos estoques reduzidos. "Atividades como calçadista, automotivo, agronegócio e material de segurança estão adiando investimentos, o que leva o setor de

máquinas a direcionar maior foco para o mercado de reposição", explica. O presidente acredita que o mercado externo pode trazer resultados positivos com a estabilidade do dólar e da inflação, permitindo montar custos mais ajustados. "O que preocupa muito é o custo elevado do dinheiro, a taxa Selic já deveria ter sido reduzida em outubro", observou.

O presidente destaca que até agosto o setor operava em um nível de estabilidade, que começou a perder tração, refletindo em menos produção e menos empregos. Ele ressalta que o agronegócio, grande comprador do setor, está sem incentivos públicos, o que resulta em uma visão cautelosa. Também registra o ingresso de produtos importados com preço de venda equivalente ao da matéria-prima adquirida pela indústria nacional. "Estamos vivendo algo muito parecido com 2018, com o Custo Brasil elevado e quedas de faturamento."



Ubiratã Rezler, presidente do Simecs, cita mudanças na jornada de trabalho e juros altos como desafios de 2026

política, a falta de clareza nas propostas de governo, as mudanças na jornada de trabalho e a manutenção de juros elevados, que dificultam investimentos de longo prazo. "Tudo isto vai interferir no humor do mercado. É um cenário obscuro", reforça.

Mesmo com este cenário, Rezler argumenta que o momento é de olhar para novas oportunidades em produtos e mercados, readequação das empresas, recapacitação dos colaboradores e a busca de parcerias e comprometimento. Frisa que investimentos continuam sendo cada vez mais necessários em agregação de valor aos produtos e

melhoria contínua dos processos visando maior produtividade e, por consequência, mais competitividade.

O presidente cita levantamento recente que expõe as dificuldades da indústria gaúcha com o custo da mão de obra. Segundo o estudo, no Rio Grande do Sul, a incidência é de 11% sobre o custo total da produção, enquanto no Brasil é de 7,8%. Na atividade metalmecânica, o índice gaúcho sobe para 16%, enquanto no Brasil é de 13% e em estados, como Santa Catarina e Minas Gerais, é de 15% e 10%, respectivamente. "Com a redução da jornada de trabalho, a tendência é acelerar a

automação, algo que os empresários projetavam para um prazo mais longo", registrou. As empresas ligadas ao Simecs têm em torno de 73 mil postos de trabalho e faturamento anual na ordem de R\$ 50 bilhões.

Rezler demonstra preocupação com a migração de empresas gaúchas para outros estados, levando junto boa parte do capital humano, em especial para Santa Catarina. "Temos dificuldade em atrair e reter negócios no Rio Grande do Sul. Além disso, alguns empresários estão colocando operações à venda, principalmente as de pequeno porte", alertou.

Dificuldades para o planejamento

O presidente do Simmme (Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Bento Gonçalves), Bruno Dal Fré, afirma que 2026 é um dos anos mais difíceis para o planejamento das empresas. A começar pela confiança baixa no setor em geral, excetuando-se os fabricantes de sistemas de armazenagem que, influenciados pelo

bom resultado do e-commerce, devem se manter estáveis ou em leve alta. Produtores de máquinas para alimentos e bebidas, que dependem de projetos de inovação, terão dificuldades acentuadas, assim como aqueles que atuam nos mercados de madeira e pedras, onde as incertezas são totais. "Será uma mistura de emoções, com mudanças mensais e

expectativas variáveis", resume.

Conforme o presidente, a visão geral é que o próximo ano seja pior do que este, que já apresenta uma carteira de pedidos curta, reduzindo a confiança de longo prazo. Ainda assim, acredita na manutenção de investimentos em tecnologias e melhoria de processos, principalmente por meio da automação para fazer frente à escassez de mão de obra – gigante, de acordo com Dal Fré. Acrescenta que o segmento está perdendo mão de obra para outras atividades, como o turismo, em franco desenvolvimento em Bento Gonçalves.

O sindicato tem 350 empresas em sua base territorial, das quais 95% localizadas em Bento Gonçalves – as demais têm sedes nos pequenos municípios do entorno, como Santa Tereza, Monte Belo do Sul e Pinto Bandeira. O setor emprega 6.252 pessoas. Dal Fré define a região com um ecossistema interessante, com empresas verticalizadas e expressivo número de terceirizados.



Bruno Dal Fré, do Simmme, indica um 2026 difícil para as empresas